

António Cabrita

Carta a Maria Velho da Costa

Fátima,

cansa este acuumento da actualidade que o Covid nos impõe e, condoído com o teu desaparecimento, só apetece espreguiçar-me, alheadamente. Ah, poder espreguiçar-me heteronometricamente, ou poder sonhar por outro, como acontece naquela tribo mongol, segundo o Marc Augé – aí estão assuntos que poderíamos cultivar, num dos nossos almoços, de devaneio traquinas.

Pediram-me um depoimento sobre ti, pensei, e por que não uma carta?

Ontem revi o *Nostalgia*, do Tarkovski, espanto-me porque não me recordo de termos falado deste cineasta russo – um dos poucos que não vulnera o silêncio quando demora a câmara sobre os objectos e os elementos naturais.

Como te conheci – lembras-te? Eu estava no JL e saíra o teu *Missa in Albis*, e era preciso um voluntário para te entrevistar. Adiantei-me. Fascinava-me o vezo que davas à linguagem, a sensação de que ler-te me armava de heliventilador para as noites cálidas. Fui recebido às quinze pelos latidos de um cão, enorme, a Ema, uma buldogue educada para andar na passe-rele. Sentámo-nos numa mesa redonda e começámos a falar. Apanhei o barco de volta para Almada à uma da manhã, convencido de que ia ganhar o Pulitzer. Para além das duas horas de conversa gravada, o que depois me fora revelado, as deambulações etílicas com que atravessáramos a América de cabo a rabo, as Balcãs, a literatura inglesa, a tua veneração pelo Nuno de Bragança, o cinema que retalhámos a faca e garfo, o riso – saíra com a impressão de que não fora uma entrevista mas um encontro para a vida.

No ferryboat, para antegozar o prémio e a glória, pus a cassette a rodar – não rodava. A fita tinha-se partido, algures no beat da conversa. Atravessei a ponte levadiça do ferryboat convencido de que se estivesse no Nilo me entregava aos crocodilos.

No dia seguinte telefonei-te às nove da manhã, tinha de ter a entrevista pronta às cinco da tarde. E agora, perguntei-te? Invente. Inventei. Quando uma semana depois, a medo, te perguntei se havias gostado convidaste-me para almoçar.

Não eras nada fácil, aprenderia depois que nada estava adquirido e mesmo a amizade contigo exigia exercícios no espaldar – mas sempre me trataste como um igual. Isso imprimia confiança a um aprendiz como eu. Mais tarde, na escrita dos guiões em que participámos, vi como eras também inclemente contigo e a escrita: cena que considerávamos terminada era comemorada com um uísque e a frase brincalhona, *Esta, António, nem o Shakespeare!*; a

nossa alegria durava quinze minutos, rapidamente torcias o nariz ao polimento, encontravas uma nódoa para denegrir, um defeito no viés da personagem ou um erro de construção na estrutura da cena – nunca encontrei ninguém tão exigente nem tão capaz de distanciar-se emocionalmente do texto de forma tão veloz.

Vou-te ser franco, Fátima, havia algo de levemente esquizoide no processo, como sempre me pareceu uma espécie de milagre “fora dos gonzos” a facilidade com que te brotava o vocabulário e as tuas derivas vernaculares – e igualmente na esfera pessoal podias ser de repente dura e álgida, tanto eu como o Armando rabujámos por vezes da tua desequilibrada reciprocidade –, mas onde realmente foste minha mestra foi na velocidade de desaparego em relação ao texto.

Às vezes falava em ti a outros escritores, da nossa relação, e notava uma ponta de inveja. Compreendi mais tarde que para o mundo dos escritores o mundo é uma pedra de moer que exige uma grande crença para ser locomovida e algum sangue e esquirolas de osso por baixo. O sangue de outros escritores, que alimenta a energia dessa crença que faz de cada autor o único atleta em transpiração sobre a mó, correndo sobre a mó e investido da única pergunta irrespondível. Mas contigo nunca tive essa sensação, talvez porque perdíamos metade do tempo a falar de Shakespeare e a deglutir uísques. E mesmo quando eras voluntariamente controversa e dizias coisas bárbaras, como afirmares em França que o Fernando Pessoa era um poeta «minable», eras das poucas pessoas com o direito a dizê-lo porque o teu nível não desmerecia o do poeta e daí as novidades que trouxeste ao romance portugueses.

Depois de termos publicado o nosso livro sobre o Camilo Castelo Branco fui ao Brasil – em 2001, lembras-te? Era então um pequeno editor e queria firmar parcerias do outro lado do Atlântico. Tu tinhas ganho o Prémio Camões e isso parecia-me um trunfo. E então armei-me em agente e, para além de ti, queria vender o Armando e o José Amaro Dionísio à dúzia de editores com quem tinha uma entrevista agendada. Paguei uma fortuna à Varig pelo excesso de peso, por causa dos livros que levava para ofertas. Com excepção de um dos editores, que tinha lido dois livros teus, eras um nome distante, como quem meio a dormir ouve que bombardeiam uma cidade numa fronteira remota, e desconheciam o que fosse o Prémio Camões. A minoria que já ouvira falar da coisa desvalorizava o seu efeito sobre o mercado. Era um prémio que só existia como adorno para as embaixadas.

De encontro para encontro eu saía mais perplexo – parecia que descobria que nos tinham mentido toda a vida.

Depois de ter cumprido a última entrevista desse périplo, em S. Paulo, fui jantar com a ex-mulher de um autor brasileiro que publicara, uma bonita cabocla de sorriso radiante, e estava tão alheio e desconcertado pela vanidade do meu esforço que nem me apercebi de que a senhora se atirava a mim e depois demorava as despedidas (por quanto tempo falámos no carro em que me deu boleia – uma hora?) porque pacientemente esperava que eu me decidisse. Só se me iluminaram as intenções da senhora, na viagem de regresso, quando procedia ao fruste balanço da minha ida ao Brasil. Foi uma das últimas anedotas que partilhei contigo, antes de rumar às Áfricas.

Fátima, tenho agora mais dez anos do que os cinquenta que tinhas quando nos encontramos. Fiz-me, entretanto, autor, aqui e ali respeitado, a conta-gotas – apesar da distância. Tenho publicado regularmente, e já sou três livros de ficção publicados no Brasil (esse país que barbaramente te continua a desconhecer), onde, apesar da boa “pegada crítica” (como eles dizem) não vendo. Aliás, sou como tu parco de vendas, tanto em Portugal, como no Brasil ou em Moçambique. Nenhuma ilusão na manga: outra das lições que aprendi contigo, o que importa é a liberdade. Porém, é esmagador pensar na injustiça de tu continuares “oculta” no país de Guimarães Rosa. Que o teu (imprudente) passamento ao menos sirva para o teu resgate. Já te estarás nas tintas, mas nós não. Ainda que a esperança não seja muita, nenhuma das minhas cinco filhas te leu, nenhuma das minhas cinco filhas me leu – alguém se lembra de quem foi Anatolí Soloviov e Alexandre Baladin? Daqui a cinquenta anos até o desespero é improvável.

Duvido que tenhas visto o livro de poesia publicado este ano, em que te homenageio – estava a contar dar-to quando me deslocasse agora no verão a Lisboa (- antecipadamente imaginava o sermão que me darias por não me ter resguardado de mais oito quilos de pescado). Fui ao teu Irene..., peguei nalgumas frases soltas, montei-as, acrescentei cravinho, orégãos, um ror de súcubos, e fiz um exercício de intertextualidade que resultou em seis sonetos selvagens. Aí te deixo dois:

3

Não eram casas, eram nesgas
de outros espaços que logo
se desapareciam. Era a morte
assim, prolífica de lugares,
a vigília súbita – indício do pavor
de estar a regressar
a uma diversidade
do ter sido, do vir a ser?
Estuários, ravinas, moradas,
à vez reconhecidos e ignotos
como os de um anjo?
Sonham os cegos
ou vêem outras partes?
Não há acudimento.

5

Uma nuvem gomosa deitava-se
ao comprido no estuário.
É uma coisa alarmante aquele edredão
encardido sobre o rio, as suspensões da ponte,

cíclame sem pés, suspenso de nada,
roxo e frio. Pisca um avião a adornar
para a descida na Portela. Amar um avião,
amar como um cão a memória rasa
das cidades. Ao longe,
no relvado, debaixo dos verdes cinzas
das oliveiras, duas gaivotas
despedaçavam
um pombo ainda vivo.
Um dia de mortes nunca vem só.

Sabes, chama-se o ciclo A Minha Noite com Caliban e o primeiro soneto começa assim (- é teu ou meu este início? Já não sei): «Em que guarita arde v^ígil/ a palavra – na noite/ que lhe foi imposta?». Sobre guaritas, vig^ílias e palavras sempre estiveste na minha frente – que fui sempre mais para o anjo depenado.

Fátima, cansa este *corvídeo*, cansa ter de lavar tanto as mãos e protegermo-nos quando a vontade é andarmos ao relento por cima de toda a folha dessa nudez essencial que nos nutre... Não é a vida uma ferida que se coça até ficar perfeita?

Tenho saudades, minha amiga, teu
António Cabrita